

A Miatização e o Desfile das Escolas de Samba¹

Celina LUCAS²

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

O presente trabalho propõe um debate pelos fatores que conduziram as transformações dos desfiles das escolas de samba, tendo como um dos desencadeadores a sua transmissão via televisão. Assim, buscaremos analisar os principais desdobramentos resultantes do contato de duas narrativas aparentemente paradoxais: a narrativa dos cortejos carnavalescos e dos meios de comunicação; da mediação a miatização do evento carnavalesco.

PALAVRAS-CHAVE: TV, miatização; cultura; samba; desfiles.

MIDIATIZAÇÃO E OS DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA

I. AS QUESTÕES DA MEDIAÇÃO E DA MIDIATIZAÇÃO

Em 1987, o filósofo Jesus Martín Barbero propôs em sua obra “*De los medios a las mediaciones*” o estudo da mediação como o ambiente propício à compreensão da interação entre o espaço de produção e de recepção de sentidos nas práticas cotidianas. Ambiente de reconhecimento, articulação e formação de sentidos. Assim, relacionava o comunicado e o elemento que o recebe e constrói o sentido podendo haver então, uma influência mútua.

A mediação instaura-se como uma engrenagem de interações recíprocas ou como afirma Vilso Junior Santi (2016, p.37): “as mediações nesse contexto se referem na malha de interações recíprocas do comunicacional e o seu contexto analítico, colocam no centro dos debates os paradoxos e as ambiguidades do processo de negociação de sentidos- entre

¹ Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Comunicação Audiovisual da Universidade Anhembi Morumbi, e-mail: celinalucas@gmail.com.

o comunicativo, o cultural e o tecnológico”. O processo atravessa tanto as questões micro, quando controladas pelo sujeito, quanto macro, relativas aos trâmites sociais.

Nosso estudo buscará realizar reflexões sobre as relações que esses meios estabeleceram com os desfiles cientes que inicialmente, os meios funcionaram como um olhar externo que noticiava, mas não interferia na estrutura compositiva dos próprios cortejos. Mas, a convivência entre os meios e os cortejos de carnaval sofreram constantes transformações passando dessa relação de mediação para a midiaticização.

Os primeiros estudos midiáticos foram empregados na política e seus desdobramentos sendo o sueco Kent Asp (1986), apontado por Stig Hajarvard (2014), como o pioneiro. Asp afirma ser o processo político transformado em decorrência das necessidades dos meios em suas coberturas.

Já o norueguês Gudmund Hernes em 1978, usou o termo “sociedade sacudida pela mídia” para designar a importância dos meios como força a impactar todas as instituições sociais. As análises foram retomadas em estudos propostos por Robert Snow, 1988 e Knut Lundby 2009, revisitando suas investigações sobre forma e formato, segundo informa novamente Hajarvard (2014, p. 24): “a lógica da mídia determina a classificação do material, a escolha do modo de apresentação e a seleção e representação da experiência social na esfera midiática”. Outros estudos³ foram realizados pelo professor dinamarquês, Stig Hjarvard⁴, muitos dos quais reunidos na obra “Midiaticização da cultura e da sociedade”, 2014. Suas abordagens situam-se entre os muitos fenômenos que assolam as formas de estar do homem na contemporaneidade, assim como assegurou HJARVARD⁵ (2014), ao compará-los com a urbanização, individualização e a globalização. Nas duas últimas décadas vivenciamos um avanço tecnológico nunca antes imaginado. Momento em que estar sozinho e ao mesmo tempo ser parte de uma verdadeira teia de relações provenientes e submetidas a tais avanços parecem parte de um único procedimento. O advento do vídeo cassete, do CD (Compact disc) e do DVD (Digital Vídeo Disc), a comercialização da telefonia celular e a Internet, ampliaram o alcance dos meios de comunicação no cotidiano das pessoas. Mas, isso é somente uma das faces desse mecanismo. A alta tecnicidade do contemporâneo varre para fora do social os modos

³ Alguns estudos também tratam a influência da midiaticização nas próprias pesquisas como aquelas propostas por Valiverronem em 2001.

⁴ Outras obras de Hjarvard- “News in a globalized society” 2001 e “Media in a globalized society” 2003.

⁵ Stig Hjarvard é pesquisador dinamarquês dos processos de midiaticização como os presentes no livro “Midiaticização da Cultura e da sociedade” (2014).

analógicos, interpessoais e artesanais de convivência e produção artística. O fácil acesso à tecnologia e seus substratos constituiu uma espécie de espelho convexo que intermedia e modela essas relações.

Temos a total absorção de aparatos tecnológicos rapidamente renováveis que passaram a fazer parte da vida das pessoas e mais, mudar as formas de interação social ao ponto de, em muitos casos, tornarem-se essenciais ao próprio humano. Esse processo foi chamado por Hjarvard (2014)⁶ de integração e reintegração dos meios à sociedade.

Todavia, no caso do nosso estudo, o desenvolvimento industrial e tecnológico vivido no final do século XX aproximou de maneira gradativa e irreversível esses meios de edificação da manifestação cultural. Assim, aquilo que representava um olhar externo, passou a misturar-se com a essência narrativa do próprio evento carnavalesco. Nesse ponto, a relação entre os desfiles e os meios vão além; da mediação à midiatização⁷:

Os estudos de midiatização transferem para o centro de interesse dos casos específicos de comunicação mediada para as transformações estruturais dos meios de comunicação na cultura e na sociedade contemporânea. Com efeito, as influências da mídia encontram-se não apenas na sequência comunicativa constituída por emissores, mensagens e receptores, mas também na cambiante relação que ela desenvolve com outras esferas sociais (HJARVARD, 2014, p.15).

Verificamos assim, uma espécie de simbiose. Nos dicionários de língua portuguesa, apreendemos sua definição como a interação de duas espécies diferentes que, ao longo prazo, vivem juntas. A convivência não ocorre de maneira paralela, mas uma fazendo parte ou ajudando a compor a outra. Hjarvard (2014, p.15), realiza uma importante afirmação a respeito: “a cultura e a sociedade contemporânea estão a tal ponto permeadas pela mídia, que talvez, já não seja possível concebê-la como algo separado das instituições culturais e sociais”. Diante do inegável, resta refletir sobre a possibilidade de ocorrer ressignificações no caráter das instituições de carnaval. Estaremos atentos a afirmação feita por Hjarvard (2014, p.19) sobre a ênfase conceitual do estudo das

⁶ Pesquisador, tratou em seu livro de 2014, tais elementos e indicando que o termo midiatização foi usado primeiramente por Ernst Manheim em 1933, na obra “The Bearer of Public Opinion” (O portador da opinião pública).

⁷ A midiatização passa a ser um entre os grandes temas da sociedade contemporânea como a globalização que proporciona também a efetivação das influências da mídia sobre as instituições sociais em longas distancias e diferentes contextos.

influências dos meios sobre mudanças sociais e culturais; “(...) não nos leva, contudo, a sugerir que o resultado mais importante da evolução da mídia seja sempre a mudança”.

É notória a gradativa posição de dependência⁸ que as instituições sociais e culturais apresentam em relação às mídias que por sua vez, possuem estruturas narrativas ou estratégias para composições próprias e capazes de influenciar fortemente essas instituições. Aqui verificamos aquilo que Hjarvard (2014), chama de “lógica das mídias⁹”, isto é, os *modus operandi* próprios que inclui maneiras de compor particulares, estética e tecnologicamente falando. Resgatando esse pensamento, será possível investigar quais foram os trâmites que nos conduziram à moldura dada aos cortejos carnavalescos atuais:

Parcela significativa de sua influência (da mídia), decorre de um fenômeno bilateral em que a mídia se torna parte integrante do funcionamento de outras instituições, ao mesmo tempo que alcança certo grau de autodeterminação e autoridade obrigando tais instituições, em maior ou menor medida, a submeter-se à sua lógica. É a mídia, a um só tempo, parte do próprio tecido de esferas sociais e culturais particulares e (família, política) e uma instituição semi-independente que fornece um nexo em todas as instituições culturais e sociais, bem como ferramentas de interpretação para compreendemos a sociedade como um todo, e que consiste em uma arena comum para o debate público (HJARVARD, 2014, p.15).

Mediação e midiaticização constituem assim, dois momentos consecutivos, evolutivos e inseparáveis da comunicação de conteúdos culturais e da participação dos meios no processo. O fato se justifica também em virtude do gradativo desenvolvimento industrial e tecnológico que fez surgir novos formatos e maneiras de divulgação alterando também, a forma e quantidade de presença dos próprios meios no procedimento. Contudo, a evolução da relação implicaria mais tarde, na interferência das mídias nas formas dos conteúdos e, conseqüentemente, na percepção dos sentidos. Assim, a aproximação entre manifestação popular, mídia, conteúdo divulgado, formação de sentidos e formas de

⁸ Hjarvard (2014), afirma que o grau de dependência da mídia sofre variações em distintas instituições.

⁹ Há divergências sobre a utilização do termo. Lundby propôs em 2009, a utilização de “capital midiático” também para compreender como ocorre a influência das mídias sobre as práticas sociais.

recepção ficaram cada vez mais implicadas a ponto de a mídia passar a interferir na formulação da própria manifestação. E foi além: ocorreu a intersecção das duas narrativas distintas; simbiose. A narrativa midiática fundiu-se com a narrativa carnavalesca, processo pelo qual um terceiro elemento misto emerge ao meio fio de uma coisa e outra, mas sempre em evolução.

II. MIDIATIZAÇÃO E OS DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA

As escolas de samba podem ser definidas como um aglomerado de pessoas que se unem em torno de um pavilhão, o material e imaterial, cuja representatividade remonta os antigos espaços de resistência e preservação cultural dos pobres e negros trazidos para o Brasil colonial e marginalizados após 1888, com a abolição da escravatura. Mas, uma escola de samba também é uma organização de caráter artístico, social e não governamental. Tais agrupamentos realizam suas apresentações públicas durante o carnaval, período reservado para festas profanas, de origem religiosa e própria da cultura brasileira. A ocorrência justifica a frequente confusão do evento cortejo, com a época da sua exposição. Nilza de Oliveira (1996, p. 21), define as organizações carnavalescas como: “uma modalidade de associação recreativa e musical, caracterizada por sua finalidade carnavalesca”. Suas raízes estão nos cordões¹⁰, ranchos e blocos carnavalescos. No Rio de Janeiro¹¹, são procedentes dos bairros periféricos inicialmente, conduzidas pela população circundante; a comunidade¹².

A primeira escola de samba oficial do Rio de Janeiro, “Deixa falar”, data de 1926, e foi fundada por sambistas do Estácio de Sá; bairro da zona Central e batizado com o nome do fundador da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Já em São Paulo, a primeira agremiação surgiu no bairro da Pompéia, zona oeste, em 1935; a “Primeira de São Paulo”.

¹⁰ Segundo Blass (2007, p.30): “Os cordões formam-se desde o início do século XX, nos bairros paulistanos onde morava a maioria dos descendentes de escravos africanos”.

¹¹ No Rio de Janeiro, antes das escolas e ainda na metade do século XIX, existiam as Sociedades Carnavalescas que promoviam festas e cortejos pelas ruas da cidade e tinham como integrantes pessoas mais abastadas, enquanto os ranchos e cordões eram compostos pelas camadas mais populares.

¹² Inicialmente, o termo comunidade fazia referência a população negra, mulata e pobre que morava nos arredores e frequentava as escolas de samba. Hoje o nome comunidade, principalmente em São Paulo, nomeia os frequentadores assíduos das organizações de samba.

Foto- Desfile de carros alegóricos na Lapa, Zona Oeste de São Paulo, na década de 1930.



Fonte: Acervo do jornal Estadão, matéria “1ª escola de samba da cidade surgiu na Pompéia” de 07 de fevereiro de 2013.

Ao longo dos anos, o processo intenso de criação de novas agremiações acompanha o ritmo acelerado com o qual as entidades transformam seus conteúdos e estruturas. Hoje, em São Paulo, somam 95 escolas e blocos carnavalescos distribuídos em distintas categorias e no Rio de Janeiro, 103 escolas e blocos oficiais.

Os elementos presentes nos desfiles das escolas de samba seguem uma comitiva similar aos ritos religiosos desde a antiguidade, quando gregos e romanos prestavam suas homenagens às divindades¹³. Revelam-se como matrizes para os arranjos parecidos no país sobretudo, por influência da colonização portuguesa e passaram a ser bastante habituais no Brasil, como afirma Roberto DaMatta (1983, p. 25): “Carnaval e Dia da Pátria constituem-se nos dois rituais de maior duração no Brasil, sendo somente comprováveis à Semana Santa, devotada aos ritos que recriam a paixão e ressurreição de Cristo”.

Os cortejos possuíam, e para as entidades carnavalescas ainda conservam, um caráter ritual¹⁴, em virtude de subscreverem os trâmites para realiza-los. Ocorriam de forma similar aos processos ligados às diferentes religiões que também possuem a sua liturgia; reunião de elementos que compõem o culto. DaMatta (1981, p. 24), define ritual como: “domínio privilegiado para manifestar aquilo que se deseja perene ou mesmo

¹³ De acordo com Mario Sergio Lorenzetto em seu artigo “Origens das procissões no Brasil”, 2017, os judeus já faziam procissões na Páscoa, em Pentecostes e na Festa do Tabernáculo, enquanto os primeiros cristãos recebiam Jesus com festas similares às procissões e após a morte de Cristo, se reuniam para levar os corpos dos mártires ao túmulo. No Brasil, as procissões tiveram início no Colégio do Menino de Jesus, na Bahia, através do Padre Francisco Pires com instrumentos musicais vindos de Lisboa ainda no século XVI.

¹⁴ Tomamos aqui a vertente antropológica para conceituar o processo ritual como um conjunto de práticas perpetuadas pela tradição e que compõem uma cerimônia de caráter religioso ou pagão.

eterno numa sociedade, ele surge como uma área crítica para se penetrar na ideologia e valores de uma dada formação social”.

Contudo, uma das principais características dos cortejos carnavalescos desde os tempos mais remotos é o fato de servirem como ambiente de brincadeira e descontração sendo edificados e consumidos pelos integrantes que compunham cada uma das organizações. Tal aspecto sofreu gradativa transformação também em decorrência do interesse despertado pelos meios de comunicação em relação à festividade popular expandindo-a para além dos domínios da comunidade.

A relação entre as entidades carnavalescas e os meios de comunicação é bastante remota. Começou com a imprensa. José Ramos Tinhorão (2000, p. 111), fala sobre a importância da criação de jornais especificamente voltados à cobertura do carnaval para o desenvolvimento do próprio evento: “a criação de jornais dedicados à folia constituiu a mais original contribuição das camadas urbanas brasileiras à história do carnaval em todo o mundo”. Esses jornais datam do início do século XIX e teriam à frente, grupos urbanos formados por empregados do comércio e profissionais liberais em torno das chamadas sociedades ou clubes recreativos, buscando fincar suas representações nas festas de rua:

Apareceria em 1873, simultaneamente no Rio de Janeiro com as Farcas Fenianas e no Recife com Ozucrin- as duas cidades que mantiveram viva essa tradição editorial- foliona por todo um século-, a imprensa carnavalesca iria aparecer também, logo depois, não apenas nas capitais de outras províncias (Porto Alegre, em 1875, com o Esmeralda, Belém do Pará, em 1882, com o Zé Pereira, Niterói, em 1884, com o Sino, a Bahia, em 1887, com a Troça e Santa Catarina em 1888, com a Matraca), mas nos mais inesperados pontos do interior (TINHORÃO, 2000, p.111).

Ainda de acordo com o autor, a imprensa focada na cobertura do carnaval se constituiria em fenômeno editorial ainda no século XIX e com força nacional. O primeiro jornal especializado em carnaval teria surgido no Brasil em 1833, com oito páginas, batizado de “ O limão de cheiro¹⁵” e seguido por outros sessenta e quatro do gênero lançados no Rio naquele período:

¹⁵ Bolas de cera perfumadas usadas nas brincadeiras de carnaval da ocasião. Tinhorão deixa claro tratar-se de um folheto sem muito valor literário que aproveitava o carnaval para levantar algum dinheiro.

A imprensa carnavalesca continuava certamente muito paquinesco até o fim dos anos 1870. Isso de certa forma podia ser explicado pelo tipo de gente das cidades que, com a democratização trazida pela vulgarização dos antigos clubes sociais fechados, passou a ter acesso a esses círculos de convivência sempre tão ligados ao dia a dia de sua comunidade (TINHORÃO, 2000, p.130).

Tinhorão (2000), também fala sobre a existência em período similar, de uma literatura voltada à recriação carnavalesca, divulgada por esses jornais e de características cômicas como aquelas garantidas pelo pequeno o “Martinho”, surgido em 1880, também no Rio de Janeiro:

Entre as velhas formas de linguagem de intenção cômica, presentes logo aos primeiros anos do aparecimento da imprensa carnavalesca no Rio de Janeiro, estaria o da invenção goliarda medieval da mistura do latim com a língua local, o que no século XVI, Teófilo Folengo elevaria ao gênero literário sob o nome de macarrônico (TINHORÃO, 2000, p.132).

Todavia, o primeiro contato da imprensa não especializada com os cortejos de carnaval propriamente dito, teria ocorrido em 1929, ainda com os antigos ranchos no Rio de Janeiro. Era dia de Oxóssi ¹⁶e o evento foi promovido por um pai de santo, Zé Espinguela, com o apoio do jornal “A Vanguarda”. Em 1932 e com a organização do jornalista Mário Filho, o jornal “Mundo Sportivo” promoveria o primeiro desfile com uma disputa travada entre dezenove escolas.

Sergio Cabral (1978, p.09), aponta o estranhamento da imprensa carioca ao noticiar o desfile das escolas de samba na Praça Onze. Emergidas dos cultos velados nos centros de candomblé e umbanda, as entidades eram observadas como alienígenas, quando na verdade, estavam enraizadas na essência cultural e de resistência do povo negro como descrito no Jornal Mundo Sportivo 1932: “Com seus instrumentos bárbaros as escolas conseguem verdadeiros milagres, efeitos impressionantes. Só a cuíca enchera a praça Onze com o seu bárbaro rumor que desenha as vozes profundas do samba, do espanto, da superstição”.

¹⁶ Importante orixá patrono dos caboclos na umbanda.

Inicialmente, a relação constituída entre a imprensa e o desfile das escolas de samba era ainda bastante inocente. O fato pode ser explicado considerando que a imprensa “noticiava”, mas não oferecia ao leitor a totalidade do evento. Texto e imagem abarcavam somente uma pequena parcela do ocorrido já que a narrativa da imprensa não concorria com a narrativa do cortejo carnavalesco; mediação.

A situação evoluiria a medida que, outros meios passaram a se interessar pela promoção dos desfiles carnavalescos. As emissoras de rádio, por exemplo, voltar-se-iam mais fortemente para o evento a partir de 1940. Muitas delas levaram as entidades para frente de suas instalações promovendo concursos como a “Rádio Record”. As rádios também desempenharam tarefa fundamental à construção de uma “cultura de consumo” dos produtos fonográficos, incluindo aqueles direcionados ao evento carnaval, ajudaram a popularizar ídolos, discos, a fortificar a canção nacional e os ritmos de carnaval. Já no início da década de 30, embora somente 5% da população fosse proprietária de uma vitrola, os sucessos carnavalescos atingiam cinco mil cópias.

Entretanto, nenhum meio de comunicação produziria mais impacto na composição dos desfiles quanto a televisão que ganhou mais força nas transmissões após o advento da sua versão em cores, 1970. Segundo Marcia Tosta Dias (2000, p.52), na época, 24, 1% dos brasileiros possuíam TV em casa e 58,9% rádio. Estavam no ar as emissoras: TV Tupi (inaugurada em 1951), a TV Record (1953), TV Excelsior (1960), TV Cultura (1960), a TV Globo (1965), TV Bandeirantes (1967) e a TV Gazeta (1970).

Para 1967, por exemplo, a TV Paulista transmitiu o concurso de entidades carnavalescas com o patrocínio de lojistas. No ano seguinte, com a oficialização e a ampliação da organização do evento, os meios de comunicação aumentaram seu interesse pelos cortejos paulistanos:

Os meios de comunicação social começam a focalizar os desfiles das quatorze escolas de samba do grupo especial, associadas a Liga das Escolas de Samba de São Paulo transmitidos em cadeia nacional e internacional pela TV Globo. Para isso, o calendário das apresentações se altera. Os desfiles são antecipados para sexta-feira e sábado de carnaval a fim de não coincidir com os desfiles das grandes escolas de samba do Rio de Janeiro, que ocorrem no domingo e na segunda-feira (BLASS, 2007, p.38).

Somou a TV Manchete¹⁷ que, fundada pelo grupo Bloch em 1983, conseguiu os direitos de transmissão dos desfiles cariocas em 1984, dedicando-se plenamente à cobertura do evento até a sua extinção. Com forte investimento em tecnologia, a emissora conseguiu realizar veiculações bastante eficientes principalmente, na qualidade dos comentários e na competência do som. Nos anos 90, sucedeu uma forte competição pela audiência entre a Manchete e a Globo:

A participação da Rede Manchete¹⁸ foi fundamental para a popularização das transmissões dos desfiles das escolas de samba. Por outro lado, foi o cortejo das entidades que proporcionou a emissora sua primeira vitória em termos de audiência em 1984, ano em que a Rede Globo, não transmitiu o evento:

Depois da inauguração, a primeira vez que a Manchete posicionou-se pra valer foi durante o Desfile das Escolas de Samba, quando foi inaugurado o sambódromo da Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro. A Globo acabou por não transmitir o evento e a audiência foi toda para a Manchete (FRANCFORT, 2008, p.30).

Ao longo dos anos, outras emissoras de TV também cobriram o carnaval do país e, apesar da intensificação das transmissões na década de 70 principalmente, no Rio de Janeiro, para os desfiles paulistanos, o fato determinante foi a instauração da cobertura atual da Rede Globo; o Carnaval Globeleza. Inaugurado em 8 de fevereiro de 1991 (atualmente, o programa é dirigido por Boninho). A cobertura era composta por *flashes* durante a programação, entradas ao vivo nos telejornais durante a noite, madrugada e manhã. Também ocorriam *flashes* ao vivo do carnaval em outras partes do Brasil além de São Paulo e Rio de Janeiro.

Apesar de todos os pontos controversos à cerca das veiculações garantidas pela emissora e entre as quais, podemos reforçar, a sua transformação em programa de variedades muitas vezes relegando o evento principal ao segundo plano, o Carnaval

¹⁷ Segundo FRANCFORT (2008, p. 76): “Para falar do Carnaval da Manchete, é preciso citar Luiz Toledo, que coordenou as transmissões externas em praticamente toda a história da emissora, respondendo não só pelos desfiles, como também pelo Jornal do Carnaval.

¹⁸ Francfort, 2008, p.81 afirma que; “A Manchete se transformava no Carnaval e por conta disso, toda a programação era temática. Novos programas voltados ao Carnaval foram criados. O ator Gerson Brenner e Rogéria se revezavam na porta do Gala Gay e do Scala, ambos no Rio, para entrevistar *Drag Queens*, convidados especiais, artistas. Otávio Mesquita também fez essas entrevistas”.

Globeleza¹⁹ immortalizou momentos inesquecíveis dos desfiles das escolas de samba. A TV também aprisionou em sua memória tecnológica, os últimos cortejos realizados na Avenida Tiradentes, em São Paulo. Naquela época, os desfiles eram gratuitos e as arquibancadas móveis. Ainda era possível contemplar apresentações que conservavam intactas, partes significativas dos fundamentos das entidades. O samba detinha sua importância e os integrantes podiam ser chamados de foliões em travessias mais descontraídas, brincalhonas e despidas de coreografias.

III. MUDIATIZAÇÃO, DESFILES E PERSPECTIVAS

A midiática altera os modos de produção ritual do espetáculo que se apressa para acompanhar as transformações atrapalhando-se com os seus artesanatos visto que, há necessidade de atender um número cada vez maior de consumidores. Assim, torna nebuloso a identificação da arte e da técnica sobretudo, quando consideramos a grande proliferação do pirotécnico para o superfaturamento da imagem em benefício do espetáculo.

Fazendo referência às formas de estar do homem na contemporaneidade, definidas por HJARVARD (2014), a individualização, a urbanização, a globalização e por fim, a midiática, temos:

A individualização transforma muitos desfiles em fragmentos isolados namorados pela mídia a favor das audiências, como observamos acontecer com a rainha da bateria, figura que se sobrepõe aos próprios ritmistas. As comissões de frente também abandonam suas funções essenciais e se transformam em um espetáculo dentro do espetáculo. Assim como, torna-se cada vez mais subjetivo o significado de estar sozinho ou acompanhado e do próprio estar na sociedade contemporânea. Forma estranha de receber o evento que por natureza, deveria ser apreciado no momento de sua produção e cujo o registro seria atributo às memórias responsáveis pela perpetuação. A mídia nos permite receber sem estar em uma espécie de “sub experiência” que pode ser resgatada infinitas vezes através dos próprios meios. Desta forma, observa-se uma manifestação do coletivo, individualmente, sem estar.

¹⁹ Ao contrário do que ocorre com o Rio de Janeiro e tendo se passado apenas 18 anos, os vídeos dos desfiles desse ano são bastante precários, situação que sofreria constante melhora com as transmissões realizados do sambódromo paulistano.

No mesmo caminho, a urbanização que vivenciamos não é somente aquela que nos distancia do rural, mas outra, a que petrifica nos matizes do racional, o espírito libertário, poético e lúdico das distintas manifestações artísticas do cortejo carnavalesco. O mecanismo padroniza as entidades postas à moldura quadrada e fria dos meios, àquela que mais uma vez, confunde arte e técnica.

Enquanto a globalização, preenche de ausência ao tornar global aquilo que por cerne é local e popular, mas travestido em uma espécie de alienígena exótico ao rastilho, não dos cortejos religiosos oriundos da nossa essência portuguesa e africana, mas um “faz de contas” das famosas paradas estadunidenses²⁰.

A pirotecnia carnavalesca é também o cosmograma que mistura as várias camadas de realidade ligadas ao desfile, visto que, o evento vivido pelos integrantes, não é o mesmo apreendido pelos julgadores, não é o mesmo das arquibancadas e sobretudo, é bastante diverso do veiculado e registrado pelos meios de comunicação. Com certeza, uma fenda entre o social- midiático e o berço natural do qual emergiram tais manifestações, fluentemente, já que mídia e escolas de samba eclodem de uma única cultura contemporânea, mas com a sobreposição dos meios cujo cimento é o visual.

É fato que os meios de comunicação são hoje parte indivisível do cotidiano social. Também é verídico afirmar que esses meios acompanharam grande parte da história das entidades carnavalescas, desde as primeiras gestações. O que queremos nesse trabalho é verificar o caráter das consequências mais pertinentes dessa relação: desfile das escolas de samba e processos midiáticos. Estudar como ocorreu a midiatização crescente de um evento gestado no seio da cultura popular. Assim, procuraremos verificar o que foi perdido e as possíveis ressignificações do próprio acontecimento quando definitivamente atravessado pela narrativa midiática.

Nesses termos, a mídia deixa de ser apenas o olhar que observa de fora o espetáculo selecionando as partes congruentes a sua própria maneira de comunicar; mediação. A relação mídia e desfile das escolas de samba é muito mais intrigada. Trata-se de uma possível absorção e submissão da narrativa carnavalesca pela midiática (televisiva) deixando para traz, fagulhas representativas de suas bases essenciais que gradativamente são esquecidas pelo próprio evento; midiatização.

²⁰ Muitos afirmam erroneamente, que os desfiles carnavalescos tiveram origem nas paradas norte-americanas.

A narrativa dos desfiles das escolas de samba é o contexto para a ação que envolve tempo, espaço, personagens e conflitos provenientes de seus modos compositivos. É embasada na carnavalização de um enredo ou na apresentação de um enredo carnavalizado. A carnavalização é o procedimento pelo qual a manifestação cultural adquire caráter carnavalesco em uma flagrante subversão às regras e padrões sociais a favor da arte; do simbólico e da fantasia. A construção da narrativa carnavalesca tem seu “modus operandi” ou o conjunto de práticas próprias. Essas identificam a ritualização do evento cujos miúdos rudimentos essenciais não são absorvidos ou encontram-se alterados pela força de uma outra narrativa socialmente mais latente. Escapam os processos, os significados, para a reprodução de um *show* que é apenas a superfície de elementos muito mais essenciais. Subverte-se então, o ritual em espetáculo imagético, simplesmente.

Por outro lado, o próprio desfile deixa de ser pensado pelos integrantes para os integrantes das escolas de samba, provocando a criação de estratégias alheias que serão captadas pelo midiático. A finalidade é tornar possível a permanência dessa narrativa avessa no próprio meio. Ressignificações? Pensa-se antes e acima de tudo, no que se amolda à mídia ao revés daquilo que pronuncia o ritual. Planeja-se como uma ala ficará quando fisgada pelas lentes televisivas de modo a anteceder o seu próprio significado ancestral. As funções desempenhadas por cada componente em virtude da perpetuação do ritual são transformadas em benefício do espetáculo e da audiência. Sobre-nos, a dimensão superficial, de uma tradição que vai perdendo seus matizes lentamente ao longo da história. Confusamente, tenta sobreviver em um espaço que lhe é cada vez mais inóspito.

A narrativa midiática e sua força social, impõe-se pela aparência, pela imagem, simplesmente. Baianas por exemplo, perdem seu pano da costa²¹ e travestem-se de pirotecnia. Saber o que representam é questão de olhar e esse, se faz através das lentes da TV. Mas, o que significam dentro do contexto ancestral das instituições? No fundo da superficialidade, bradam vozes de resistência e gerações de negros africanos espoliados de sua terra natal.

A questão torna-se ainda mais intrigante se pensarmos no “ser binário” da mídia: mal e bem das instituições carnavalescas. Isso porque, em uma sociedade cada vez mais grudada na imagem e pela imagem, no midiático e pelo midiático, como estariam as

²¹ Parte integrante da vestimenta de uma baiana tradicional de Salvador e Rio de Janeiro no século XIX. Trata-se de um pano posto sobre os ombros para marcar o posicionamento das mulheres afro-brasileiras.

escolas se não fossem transformadas em espetáculos televisivo? Teriam sobrevivido através de sua força ancestral ou caído no anonimato de uma sociedade que elimina sua história a favor novo? Estariam resumidas em espaços de uma manifestação exótica exposta ao olhar estrangeiro como prova da alegria e sensualidade nacional? Paradoxalmente, a veiculação dos desfiles realiza pelas entidades algo além da divulgação nacional e internacional. A mídia aquilo que, considerando o caráter de manifestações da cultura popular, seria mesmo inconciliável; o registro tecnológico, o que pendurará para as próximas gerações em uma sociedade cuja força do oral parece perder o sentido.

Os grandes feitos tradicionais transmitidos de geração para geração através dos tempos, tornaram-se sinecuras em nossa sociedade da informação e da desinformação, do ligeiro, do tecnológico. A sociedade dos grandes condomínios, das crianças à frente dos computadores. Sociedade dos esquecimentos onde as memórias passam a ser digitais, terceirizadas e assim, à parte do humano. Para lembrarmos temos *chips*, *pen drives* e mídias sociais. Aquilo que a TV apreende alheia ao próprio evento, é uma gota do mínimo que se perpetua; memória da memória que o homem gradativamente terceiriza. É esvaziada, é aparência, mas é a memória que temos.

Nos bastidores, as organizações de carnaval labutam para não deixarem morrer aquilo que mesmo *espetacularizado* trará à sociedade uma mera lembrança de suas importâncias ancestrais. Mas, a labuta das paixões que encobrem de emoção o rosto dos que compõe o evento, os seus “porquês essenciais” a fúria midiática não abarca em seu processo constante de midiatização que não sabemos o que definitivamente provocará porque ainda não terminou:

(...), embora não se possa ignorar a polemica em torno da espetacularização das manifestações carnavalescas no Brasil e do afastamento gradativo dos sambistas originários das camadas populares. Essa polemica emerge a partir da presença crescente dos meios de comunicação eletrônicos, dos turistas e das chamadas camadas médias no interior das escolas de samba que seriam também os consumidores privilegiados das apresentações oficiais nos dias de carnaval (BLASS, 2007, p.25).

REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesus M. **Dos meios as mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Barcelona: UFRJ, 1987.

BLASS, Leila Silva. **Desfile na avenida, trabalho na escola de samba**. RJ: Annablume, 2007.

CABRAL, Sérgio. **As escolas de samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

CANDEIA; ISNARD. **Escola de samba: a árvore que perdeu a raiz**. RJ: Lidador/ SEEC, 1978.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. 4ªEd. RJ: ZAHAR, 1983.

DINIZ, André. **Almanaque do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

FARIAS, Julio Cesar. **Bateria, o coração da escola de samba**. RJ Litteris, 2010.

FRANCFORT, Elmo. **Aconteceu virou história**. SP: Imprensa Oficial, 2008.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. RS: Unisinos, 2014.

SALES, Luis. **Censo do samba paulistano**. SP: Câmara Brasileira do livro, 2015.

SANTI, Vilso Jr. **Mediação e midiatização: conexões e desconexões na análise comunicacional**. SP: PACO, 2016.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Carnaval em Branco e Negro**. SP: UNICAMP, 2007.

TINHORÃO, José Ramos. **A imprensa carnavalesca no Brasil**. RJ: Hedra, 2000.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da Cultura**. SP: EDUSC, 2003.

Jornal Campo Grande News. Disponível em <
<https://www.campograndenews.com.br/colunistas/em-pauta/a-origem-das-procissoes-no-brasil-e-a-memoria-das-onze-mil-vingens>> Acesso em 10 de maio de 2018.

Jornal o Estado de São Paulo. Disponível em <
<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,1-escola-de-samba-da-cidade-surgiu-na-pompeia,8887,0.htm>> Acesso em 10 de maio de 2018.